

Difusão Nacional e Públicos da Dança Contemporânea

Neste Dia Internacional da Dança, é muito relevante que parta da comunidade o propósito do debate, da comunicação, da propositura, da iniciativa de pensar a difusão e os públicos.

Esperar-se-ia que eu falasse dos apoios do Estado para a Dança, dos programas de difusão do Ministério da Cultura. Não o vou fazer. Se considerarem útil, responderei a perguntas sobre essa matéria.

Prefiro antes partilhar convosco algumas perplexidades.

Akram Khan, coreógrafo e bailarino indo-britânico, na mensagem oficial relativa a este dia internacional, fala de “uma linguagem inerente aos nossos corpos e às nossas almas, a dos nossos antepassados e dos nossos filhos”.

Importa-me sublinhar aqui o conceito de vinculação.

Certos entusiasmos pós-modernos procuraram pôr em segundo plano o estatuto da vinculação. De alguma forma, a reivindicação de uma autonomia valorativa, de uma

heteronímia identitária, de uma reivindicação pós-histórica, convidavam à denúncia dos antepassados. Convidavam à renúncia dos avós e à libertação dos filhos, sendo aqui libertação sinónimo de arbitrariedade, no sentido de se deixar a criança flutuar numa sopa lúdica até que, com o passar do tempo, um adulto livre despontasse para os valores que quisesse.

Este precário mas marcante projecto de sociedade tem dominado as últimas duas décadas na Europa e nos Estados Unidos, com incursões, ou, se quisermos, sequelas, por esse mundo fora.

Neste projecto, não há vinculação, há auto-vinculação.

O sujeito, cada sujeito determina-se, auto-determina-se, num roteiro *meta-anarquista* que será válido para homens e mulheres em concreto, mas dificilmente concretizável, a curto ou médio prazo, na sociedade desigual em que vivemos.

Ao mesmo tempo, a hetero-vinculação existe. Se não houver vinculação geracional, outras vinculações as substituem, seja no campo do indivíduo, seja no exercício do social.

Interessa-me aqui realçar o problema da vinculação geracional levantado por Akram Khan.

A Dança, enquanto conceito ocidental, e nos termos dessacralizados em que a definimos, é um objecto artístico recente, quase se podendo dizer que a sua época clássica, ao contrário de outras artes, se situa no século XIX, que o desenvolvimento da sua modernidade é na primeira metade do século XX e que ainda hoje se procura assimilar e expandir os territórios que as dinâmicas modernas promoveram.

Nestes termos, a vinculação aos avós é importante. Todavia, ainda não está sedimentado o trabalho do património desta área artística – 200 anos é tão pouco tempo!

No século XX, cresceram tendências artísticas com as mais diversas origens. Desde as áreas das artes do espectáculo às artes visuais, das artes aplicadas à literatura, das reflexões da arquitectura às do espaço cénico. As questões levantadas pelo sentido do educar, a acção política pós-Segunda Guerra Mundial, e, nomeadamente, pós Anos Sessenta, o desenvolvimento das correntes filosóficas da Modernidade, a afirmação dominadora da economia capitalista, a sedimentação das indústrias do

entretenimento, têm dificultado a afirmação do património da transmissão geracional no Ocidente.

Mais uma vez, um problema de vinculação.

O acto vinculado tem de fazer um ferida no espírito. Quero dizer: não há vinculação que se esqueça de si própria.

Abrir um salão de festas onde convivam as gerações e fechar à noite para limpezas não é o mesmo que cobrir o corpo de marcas, na pele, ou por baixo dela.

Houve um tempo para a vergonha. Um certa vergonha ou mesmo uma vergonha descarada. Vergonha de pertencer, vergonha de afirmar, vergonha de defender, vergonha de enunciar.

Esse tempo acabou.

Vivemos numa crise onde não falta nenhum ingrediente do apocalipse: guerra, fome, pestilência.

Haverá, porventura, sentimentos de pânico pessoal e colectivo.

E é nesse instante que a calma é absolutamente necessária, e os gestos mais simples essenciais. Assim, coreografar o quotidiano é hoje uma exigência decisiva.

Por essa via, podíamos até falar da morte do espectáculo, ou se quisermos, da performance, dança incluída.

“Quando todos formos heróis”, dizia o mauzão do filme “Os Incríveis”, “ninguém será herói”.

Assim, a contaminação do quotidiano pela dança, a presença irrenunciável nos passos do dia-a-dia seriam uma forma de a matar.

Como se o nome das coisas só o pudesse ser se não repetido mil vezes.

Lembremo-nos que o mais sagrado foi sempre inominável.

De alguma forma, isso não mudou. Se em várias sociedades não se podia invocar o nome de Deus, se só feiticeiros e sacerdotes sabiam as palavras que libertam, hoje depara-se-nos o desafio de chegar ao sublime pela inscrição em cada boca do segredo no qual acreditamos.

Da necessidade de tornar o segredo comum. E quando o segredo deixar de o ser, deixará de haver segredo?

Perguntando de outra maneira:

Levar a dança conosco, objecto portátil do social, difundi-la por todos os cantos da cidade, do país, é acabar com ela?

Há uma sacralidade inominável que se vai perder?

Pois que muitas vezes se confunde estatuto de exigência com exclusividade.

Será possível que a exigência se propague?

Que o nome, o fogo sagrado atrás do nome, dentro do nome, se propague sem se apagar? Que essa coisa extraordinária e extravagante, o poder de criar, se partilhe e se torne coisa ordinária sem perder poder libertário e motor?

Dizem os Evangelhos cristãos que quando os apóstolos perguntaram a Jesus: “Quem és tu”?, a resposta foi: “Eu Sou Eu Sou”.

Deus não se pode definir a não ser por uma tautologia, afirmando-se, naturalmente, como Ele próprio.

Se perguntarmos a cada um de nós: quem és tu?

Veremos, que, quer queiramos, quer não, somos parte dos nossos avós e parte dos nossos filhos.

A vinculação é um ponto necessário das nossas estratégias de sobrevivência e desenvolvimento.

Ao falarmos de difusão da dança e da criação de públicos, que tenhamos isto em conta.

Obrigado

Jorge Barreto Xavier

29.04.09